

## **Resenha: ‘Notícia de um sequestro’ – uma análise da narrativa jornalística envolvente de Gabriel García Márquez**

Juliana de Medeiros Sehn

Universidade Federal do Paraná

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Notícia de um sequestro*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

O livro *Notícia de um sequestro* (1996) foi escrito pelo famoso Nobel de Literatura colombiano Gabriel García Márquez, que nasceu em 1927 em uma aldeia chamada Aracataca. Gabo, como é chamado carinhosamente, é considerado como autor de alguns dos mais célebres romances do século XX, como *Cem anos de solidão* (1967) e *O amor nos tempos do cólera* (1985), além de ser uma grande referência do realismo mágico latino-americano. No entanto, para além dos romances, Gabriel García Márquez foi também um grande jornalista, publicando uma série de trabalhos excelentes como reportagens políticas, crônicas, além de textos jornalísticos que se tornaram livros, como o *Relato de um naufrago* (1970), inicialmente uma reportagem especial que levou o *El Espectador*, jornal onde Márquez trabalhava, a ser fechado pelo governo ditatorial da Colômbia; ou o livro-reportagem que será analisado aqui, *Notícia de um sequestro*.

A obra reúne e organiza os eventos que marcaram uma série de sequestros de jornalistas ou pessoas próximas de personalidades com importância política, ocorridos na Colômbia no início da década de 1990. Os sequestros de Maruja Pachón, Beatriz Villamizar, Francisco Santos, Marina Montoya, Diana Turbay, Richard Becerra, Orlando Acevedo, Hero Buss, Azucena Liévano e Juan Vitta foram feitos pelos Extraditáveis, grupo comandado por Pablo Escobar, que buscava pressionar o governo a voltar atrás em relação a uma política que permitia a extradição de narcotraficantes para os Estados Unidos, onde poderiam ser julgados por crimes cometidos ali e condenados a penas colossais. Na época, os narcotraficantes já haviam se inserido na alta política colombiana, por meio de corrupção e suborno, e corriam atrás de aspirações próprias utilizando poder e força. A partir desse contexto, o autor conta, com base em relatos, dados e anotações em diários, como foi a experiência dos sequestrados que passaram meses em cativeiro nas mãos dos Extraditáveis, assim como a das famílias e dos políticos envolvidos no ato de terrorismo.

O autor utiliza como abordagem a narração de detalhes vividos pelas vítimas dos sequestros, o que ajuda o leitor a imaginar e visualizar a rotina angustiante e imprevisível do cativo. Misturado a isso, Márquez também traz informações importantes sobre o que estava sendo feito pelas famílias e pelos políticos responsáveis enquanto os sequestrados estavam presos.

Para complementar, o escritor adiciona também dados e informações históricas e políticas que dão o contexto dos fatos narrados. Esse é um dos principais aspectos jornalísticos do livro. Trazendo dados e toda a conjuntura por trás das histórias, o autor não está apenas contando como foi a experiência traumática dos sequestrados, mas também informando o leitor sobre quais acontecimentos precederam a situação e quais eram as implicações políticas dos atos dos Extraditáveis na Colômbia. Ao mesmo tempo, essas informações, unidas aos relatos pessoais das vítimas, humaniza a questão e aproxima o leitor do problema denunciado, outro aspecto bastante utilizado no jornalismo.

Ao mesmo tempo que, se tratando de um livro-reportagem, a característica jornalística é forte na obra, Gabriel García Márquez também explora ferramentas literárias no texto. Considerando que o livro-reportagem é um material jornalístico com a possibilidade de ser mais profundo e imersivo do que as reportagens comuns do dia a dia, o autor aproveita para humanizar ainda mais os personagens, mostrando as suas contradições sem julgamentos e às vezes se esforçando para defender ou ao menos elucidar o que cada um poderia estar sentindo. Um exemplo disso é quando se discute sobre o fato de que a sequestrada Marina Montoya se mostrava muito passiva e tentava controlar Maruja e Beatriz como se fosse uma das guardiãs no cativo. Márquez procura compreender o porquê de Marina agir dessa forma, apontando que ela passava por dificuldades, uma vez que estava presa há mais tempo do que as outras e, por algum tempo, sozinha. Isso, de acordo com o autor, provocou um estranhamento compreensível quando as demais vítimas chegaram, mudando, sem querer, o funcionamento da rotina que já havia custado muito para Marina se acostumar.

Outro aspecto literário que chama a atenção no texto é a liberdade que o autor tem de fugir um pouco da objetividade e falar de forma mais poética ou “mística” de vez em quando, citando temas como o do amor ou da astrologia e relacionando-os com os fatos contados. Nesses momentos, fica claro que o jornalista está se colocando no texto, trazendo breves reflexões e opiniões, ainda que simples. Quando Márquez descreve a

personalidade de Diana Turbay, apontando que ela tinha um senso de poder e de liderança forte e apaixonado, ele adiciona ao texto uma reflexão que soa bastante pessoal e poética:

Mas o poder — como o amor — tem dois gumes: exercemos e padecemos. Ao mesmo tempo que gera um estado de levitação pura, gera também seu avesso: a busca de uma felicidade irresistível e fugidia, só comparável à busca de um amor idealizado, que se anseia mas se teme, se persegue mas não se alcança. (MÁRQUEZ, 1996, p. 85)

O autor também brinca e experimenta, se aproveitando da liberdade literária misturada ao texto jornalístico, quando decide colocar o signo da personagem no texto — “Havia nascido no dia 8 de março de 1950, sob o inclemente signo de Peixes (...)” —, detalhe que possivelmente não teria espaço em uma reportagem tradicional de jornal (MÁRQUEZ, 1996, p. 86). Sendo um trecho do livro em que o jornalista colombiano faz uma espécie de perfil de Diana, a característica do signo, assim como a comparação anterior do amor com o poder, dão um respiro e deixam mais fluido e divertido um texto que é repleto de informações densas e relatos dolorosos.

Sobre a organização da obra, o livro já começa com duas páginas de agradecimentos, que acabam sendo uma espécie de desabafo do autor em relação à angustiante tristeza que caracteriza os fatos ali contados — “na esperança de que nunca mais esse livro nos aconteça”, diz ele no trecho final das gratidões (MÁRQUEZ, 1996, p. 6). O escritor também conta como se deu a ideia inicial do livro: proposta feita por Maruja Pachón e seu marido Alberto Villamizar. O primeiro rascunho da obra avançou com foco na experiência desses dois personagens, mas em determinado momento o autor percebeu, junto com as fontes, que não havia como contar aquela história sem relacioná-la com os outros nove sequestros que aconteceram simultaneamente na Colômbia pelas mãos do mesmo grupo e pelo mesmo objetivo.

A partir disso, houve uma mudança completa na estrutura inicial do livro, de modo a dar ênfase para os demais personagens também. Márquez afirma que os relatos de Maruja e Alberto foram “o eixo central e o fio condutor” da obra (MÁRQUEZ, 1996, p. 5). A decisão do autor de mudar a estrutura do livro no meio do caminho para que a narrativa não ficasse incompleta evidencia o trabalho dedicado e rigoroso que ele realizava como jornalista e como escritor, o que resultou em um livro tão bem apurado e escrito, informando com respeito e delicadeza sobre um tema tão difícil e dilacerante.

Após os agradecimentos, o autor dá início à narrativa do livro-reportagem em si, já contando sobre a noite do sequestro de Maruja e Beatriz. Depois, traz um contexto político, assim como as reações da família. Aos poucos, a obra vai revelando sobre as

demais vítimas e quem estava por trás dos crimes, alternando entre relatos sobre os sequestros, as ações dos familiares e as movimentações políticas que iam acontecendo com o passar do tempo.

É interessante ver Gabriel García Márquez, Nobel de Literatura muito querido e conhecido por seus romances, expondo seu talento e habilidade também como jornalista. Sendo *Notícia de um sequestro* um livro-reportagem, é visível que o escritor escolheu utilizar uma linguagem simples e direta. Na maior parte do tempo, percebe-se também um discurso um tanto sério, o que faz sentido, afinal se fala ali de um assunto muito indigesto. Essas escolhas do autor diferem a obra significativamente de seus romances, como *O amor nos tempos do cólera*, por exemplo, no qual ele se permite escrever de maneira bastante poética e mais abstrata, de forma que a leitura acaba sendo um pouco mais demorada, a fim de absorver e compreender a obra. Em *Notícia de um sequestro*, a leitura é rápida e fluida. Essa diferença clara entre um estilo e outro e a habilidade do autor de explorar tanto um quanto o outro prova o domínio que ele possui como romancista e como jornalista.

Comparando com os livros ficcionais do autor, marcados por um forte romantismo, é instigante também ver o escritor encontrando espaço para falar de amor, esse amor passionnal e doído, tão presente na obra do romancista, também em um livro-reportagem, como ocorre no trecho citado anteriormente sobre Diana Turbay. Dessa forma, Márquez mantém acesa ali a sua chama poética e romântica, o que contribui para que a leitura se torne mais agradável, mesmo sendo sobre um tema tão real e pesado.

Apesar de ser claro que muitas das informações foram obtidas por meio de relatos, o autor utiliza poucas aspas, o que mantém o texto limpo, apenas com algumas falas ou diálogos impactantes de vez em quando.

Outra característica que García Márquez mantém dos romances para o livro-reportagem é a qualidade narrativa de seu texto. O autor amarra muito bem os acontecimentos, relatos e informações, criando uma narrativa que, pela natureza dos fatos expostos, se torna uma espécie de *thriller* que prende o leitor durante todo o livro. Exemplo disso é quando Márquez dá pistas de que Francisco Santos, em cativeiro, aos poucos ia pretendendo fugir, sem ainda revelar se o personagem de fato tentou escapar. Nesse ritmo de ir contando os acontecimentos pouco a pouco, mas ao mesmo tempo em uma linguagem simples e direta, faz com que o leitor siga na leitura, ansioso para saber o que vai acontecer e preso na expectativa de que os reféns sejam soltos logo, como se fossem os próprios familiares e amigos esperando pelo melhor.

Por conta de todas as variáveis a serem consideradas no livro — cada uma das nove vítimas separadas em grupos e casas diferentes e sendo vigiadas por guardiães de condutas distintas, além das famílias de cada um e os políticos envolvidos —, em alguns momentos os fatos se confundem um pouco cronologicamente. Apesar disso, a obra é bem organizada, de forma que o leitor entende e compara a situação de cativo de cada grupo de sequestrados, ao mesmo tempo que encontra espaço para “respiros”, com mudanças de cenário a partir dos relatos do que estava acontecendo com as famílias das vítimas e com as discussões políticas que ocorriam simultaneamente no país.

O contexto político pode ser a parte mais desafiadora do livro, se tratando do cenário específico da Colômbia daquela época, o que, para qualquer pessoa que não seja de lá, nem tenha estudado sobre o assunto, possa parecer um tanto abstrato. No entanto, Márquez é bastante simples e direto nesses momentos do texto — guardando breves reflexões e detalhes poéticos para a parte literária dos relatos dos personagens —, o que facilita a leitura.

A história do livro é conduzida pelos sequestrados e seus familiares buscando resgatá-los. Alguns desses personagens são muito marcantes para a história, com destaque para Maruja Pachón, Francisco Santos e Diana Turbay. Maruja é uma jornalista premiada, vinda de uma família de muitas gerações de jornalistas. Na época do sequestro, era diretora da Focine, companhia estatal de fomento cinematográfico, e esposa de Alberto Villamizar, político e diplomático. O mais marcante na personalidade de Maruja, ao menos pelo o que se pode perceber pelo livro, é a sua coragem, sua capacidade de não ser submissa e não se calar mesmo em uma situação extrema. Isso fica evidente em diversos momentos durante a narrativa. Maruja se irritava com a submissão de Marina em relação aos guardas e os enfrentava com frequência. Desde o início do sequestro, ainda no transporte, sendo levada ao cativo, ela insistia em perguntar aos sequestradores quem eram eles e continuou insistindo quando chegou à casa até eles lhe contarem.

Francisco, ou Pacho Santos, como é chamado pelos amigos, é outro personagem de destaque da obra. Também vindo de uma família de jornalistas, seguiu a mesma profissão, sendo diretor do *El Tiempo*, além de se envolver com a política, sendo ex-vice-presidente da Colômbia. O que marca o personagem de Pacho é a leveza que ele traz na maior parte das vezes em que aparece na narrativa, por mais que a sua situação tenha sido igualmente difícil à dos demais sequestrados. Enquanto a cena de sequestro de Maruja e Beatriz, que abre o livro, é bastante assustadora e tensa, a de Pacho Santos chega a ser um tanto cômica, o que talvez também seja realçado pelo próprio senso de humor de

García Márquez e seu estilo narrativo irônico e inteligente. Pacho, deixando-se levar pela curiosidade e pelo gosto de discutir, mesmo andando de carro blindado, facilitou terrivelmente o trabalho dos sequestradores, abrindo a porta do veículo, ansioso para entender o que estava se passando:

Quatro horas depois do sequestro de Marina Montoya, um jipe e um Renault 18 bloquearam pela frente e por trás o automóvel do chefe de redação de *El Tiempo*, Francisco Santos, numa rua secundária do bairro de Las Ferias, na zona oeste de Bogotá. O carro dele era um jipe vermelho com aparência banal, mas blindado de fábrica, e os quatro assaltantes que o rodearam traziam não apenas pistolas 9 milímetros e submetralhadoras Mini Uzis com silenciador, mas um deles tinha um martelo especial para quebrar os vidros. Nada disso foi necessário. Francisco Santos (...) é um discutidor incorrigível. Antecipou-se para abrir a porta e falar com os assaltantes. “Eu preferia morrer a não ficar sabendo o que estava acontecendo”, disse. (MÁRQUEZ, 1996, p. 39)

Pacho era, como descrito por Márquez, sensível e emotivo. No entanto, pelo o que é relatado no livro, ele também demonstra ser bastante otimista e obstinado. Desde o primeiro dia em cativo, Santos tinha certeza de que iria sobreviver. Quando perde as esperanças de ser libertado pelos sequestradores, começa a planejar uma fuga e utiliza suas habilidades de jornalista para conseguir informações sobre o lugar onde está. Faz perguntas aparentemente inocentes aos guardiães e acaba descobrindo, dentre diversas outras informações, que se encontrava em uma “casa de esquina em algum bairro vasto e populoso do oeste de Bogotá” (MÁRQUEZ, 1996, p. 176).

Por meio de perguntas ardilosas conseguiu saber dos guardiães que em cem metros ao redor havia uma farmácia, uma oficina mecânica, dois botequins, uma pensão, um sapateiro e duas paradas de ônibus. Com esses e muitos outros dados recolhidos aos pedaços, tentou armar o quebra-cabeça de suas vias de fuga. (MÁRQUEZ, 1996, p. 176 - 177)

O personagem de Pacho traz uma certa leveza para o livro, aliviando a angústia forte dos relatos de outros sequestrados.

Outro personagem especial na narrativa é Diana Turbay, marcada tristemente por sua morte infortuna e trágica. Diana, pela descrição do autor, era de personalidade forte e inteligente. Filha do ex-presidente da Colômbia Julio Turbay, entendia muito bem como funcionavam as estruturas de poder e as relações políticas no país. Além disso, também foi jornalista.

Ler sobre a história de Diana traz, na maior parte do tempo, uma sensação de melancolia. Márquez já diz nos agradecimentos iniciais da obra que ela é uma das duas vítimas (junto com Marina Montoya) que não sobreviveram ao sequestro. No entanto, isso nem seria necessário dizer, uma vez que a ausência de Turbay é perceptível pela

escrita da narrativa. Sempre que o autor se refere a ela, utiliza o tempo verbal no passado — “Diana Quintero Turbay *tinha*, como seu pai, um sentido intenso e apaixonado do poder e uma vocação de liderança que determinaram sua vida” (grifo meu) (MÁRQUEZ, 1996, p. 85). Fora isso, as informações sobre o seu sequestro vêm sempre de alguma outra vítima que esteve com ela ou de seu diário, nunca de um relato direto.

Diana passa a ideia de uma forte liderança. Seus colegas de trabalho que foram sequestrados junto com ela ressaltaram que era evidente o quanto ela se preocupava mais com a vida deles, por se sentir responsável pelo incidente, do que com a sua própria. A jornalista morre em meio a um confronto da polícia com os sequestradores, não estando claro até hoje qual dos dois lados a matou. Na narrativa, a morte de Diana é bastante triste e pesada. O leitor, que acompanhou diversos detalhes sobre o cativo, a libertação de alguns reféns e a jornada desesperada da mãe de Diana, Nydia Quintero Turbay, para salvar a filha, sente um desconforto angustiante quando chega o momento em que a jornalista é assassinada, o que a torna uma das personagens mais marcantes e impactantes do livro.

O pano de fundo para a narrativa transita entre Bogotá e Medellín, na Colômbia. A capital colombiana é a cidade onde residiam os sequestrados antes de sofrerem o ataque, e próxima de onde alguns deles ficaram presos. Alguns outros, como Diana Turbay, ficaram em cativo em Medellín, cidade marcada pela violência e conhecida como a terra de Pablo Escobar. Nessas duas cidades, ainda aparecem frequentemente como cenário as casas dos familiares das vítimas, o gabinete do presidente da Colômbia da época, César Gaviria, e os quartos onde ficavam os sequestrados.

O autor dá especial atenção a esses últimos, fornecendo detalhes, às vezes em longos parágrafos, sobre a configuração dos quartos de cativo (como eram as camas, onde dormiam cada vítima e cada guardião, como funcionava a rotina em cada casa, quem eram as pessoas que saíam e entravam, etc). Márquez chega a detalhar sobre o que os sequestrados imaginavam que havia na casa para além do quarto, com base no que viam e ouviam. Essas informações dão uma boa perspectiva ao leitor dos ambientes, em geral, pequenos, escuros e abafados do cativo. Um exemplo de descrição detalhada desses espaços está no trecho a seguir, quando o autor fala sobre o quintal onde Maruja, Marina e Beatriz passaram a frequentar para caminhar, em uma tentativa de melhorar minimamente a saúde em estado deplorável das sequestradas:

O quintal foi o único lugar da casa, além do quarto, que elas conheceram. Estavam nas trevas enquanto duravam os passeios, mas nas noites claras dava

para ver uma lavanderia grande e meio em ruínas, com roupa pendurada em arames para secar e uma grande desordem de caixotes quebrados e trastes em desuso. Sobre a marquise da lavanderia havia um segundo andar com uma janela clausurada e os vidros empoeirados. As sequestradas achavam que ali dormiam os guardas que não estavam de plantão. Havia uma porta para a cozinha, outra para o quarto das sequestradas, e um portão de tábuas velhas que não chegava até o chão. Era o portão do mundo. Mais tarde compreenderiam que dava para um pasto aprazível onde vagavam cordeiros e galinhas espalhadas. Parecia muito fácil abri-lo e fugir, mas era guardado por um pastor-alemão de aspecto insubornável. No entanto, Maruja tornou-se amiga do cão, a ponto de ele não latir quando ela se aproximava para acariciá-lo. (MÁRQUEZ, 1996, p. 129 - 130)

O escritor termina de tecer o cenário do livro com o contexto histórico e político da Colômbia naquele momento, que ele traz com algumas informações sucintas sobre os principais precedentes que haviam acontecido no país para chegar ao estado em que estava nos anos 1990, que permitiu que ocorresse a situação trágica colocada como ponto principal do livro. Nas páginas 27 e 28, por exemplo, Márquez se debruça brevemente sobre uma série de acontecimentos anteriores que levaram ao momento dos sequestros, de forma que o leitor possa entender, de maneira simples e resumida, como os Extraditáveis obtiveram suficiente nível de poder e força para fazer o que fizeram e o que eles estavam buscando.

O tema do livro permanece contemporâneo, apesar de se passar na década de 1990, uma vez que relata acontecimentos históricos da política colombiana e a sua relação com o narcotráfico, que passou a ser um problema mundial que ainda não foi resolvido. A Colômbia permanece sendo o maior produtor mundial de cocaína e o governo do país, ainda no ano passado, estava em guerra contra o chamado Clã do Golfo, que movimentava entre 30% e 60% da cocaína colombiana, de acordo com o G1. Sendo assim, o livro de García Márquez, além de oferecer uma narrativa intrigante, traz também informações e dinâmicas históricas que influenciam eventos que acontecem ainda hoje no problema mundial do narcotráfico.

A obra também apresenta alguns aspectos socioculturais da Colômbia da época, como a religiosidade, a mídia, o mundo das drogas e do tráfico e a política nacional. É interessante como a religiosidade é forte e utilizada como apoio tanto das vítimas do sequestro quanto dos próprios criminosos. Isso é bem resumido no seguinte trecho do livro:

Escobar gastou dois mil e seiscentos quilos de dinamite em dois atentados sucessivos contra o general: a mais alta distinção que jamais concedeu a um inimigo. Maza Márquez saiu ileso dos dois, e atribuiu isso à proteção do Menino Jesus. O mesmo, aliás, a quem Escobar atribui o milagre de Maza Márquez não ter conseguido matá-lo. (MÁRQUEZ, 1996, p. 26)

Em determinado momento da narrativa, quando os Extraditáveis estão próximos de executar Marina Montoya, ela, sentindo o que estava para acontecer, entra em um estado de angústia muito profunda, e passa a fazer suas caminhadas no quintal com o Monge, que era chamado pelos sequestradores e que havia se tornado amigo da senhora sequestrada. A situação chega a um ponto em que o próprio Monge, por mais que estivesse ali a mando dos criminosos, começa a se angustiar. Foi ele quem levou Marina até o carro na noite em que ela foi executada. Depois, retornou ao quarto, onde estavam Maruja e Beatriz, “como uma sombra”, conta o autor (MÁRQUEZ, 1996, p. 171). Na madrugada, as duas sequestradas acordaram com os lamentos do Monge: “Como dói, eles levaram a avó!” (MÁRQUEZ, 1996, p. 172).

Em relação a aspectos da mídia, o mais marcante é sem dúvidas a liberdade de imprensa sufocada por conta da violência contra jornalistas. Chama muito a atenção quando o autor conta brevemente sobre o diretor do *El Espectador*, Guillermo Cano, dizendo que ele era conhecido por seus “editoriais suicidas”, nos quais se posicionava contra o comércio de drogas (MÁRQUEZ, 1996, p. 145). O fato de o jornalista simplesmente argumentar contra o trabalho dos narcotraficantes ser considerado suicídio é muito impactante. Assim, aparentemente sem surpresa alguma para os colombianos, Cano foi assassinado na porta de seu jornal em 1986, tornando-se parte de um grupo de 26 jornalistas mortos pelos cartéis de drogas entre 1983 e 1991.

Por outro lado, também vale destacar a utilização da mídia para ajudar, dentro do possível, as vítimas dos sequestros. As famílias de Maruja e Beatriz apareciam com frequência na televisão. Notícias de rádio também eram colocadas ao ar especificamente para enviar mensagens secretas ou tranquilizar as sequestradas.

Outro aspecto sociocultural impressionante presente no livro são as contradições e surpresas do mundo do tráfico e das drogas. A obra de Márquez expõe muita coisa que não se imagina a partir do que se sabe pelo senso comum sobre traficantes e sequestradores. Suas motivações para entrar no mundo do crime, em geral, eram prover boas condições às suas famílias, em especial às mães, a quem eles idolatravam. Por elas, estavam dispostos a morrer. Fora as progenitoras, eles odiavam todo o resto do mundo. Alguns dos guardiães também estavam constantemente assustados, assim como as vítimas. De acordo com o autor, eles também pareciam sequestrados, como explica no trecho a seguir:

Não podiam se mover pelo resto da casa e dormiam durante suas horas de descanso em outro quarto, trancado com cadeado para que não fugissem. Todos eram antioquenhos rasos, que mal conheciam Bogotá, e um deles contou

que quando saíam do serviço, a cada vinte ou trinta dias, eram levados com os olhos vendados ou no porta-malas de um automóvel para não saberem onde estavam. Outro tinha medo de ser morto quando já não fosse necessário, para que levasse os segredos para o túmulo. Sem nenhuma regularidade apareciam chefes encapuzados e mais bem-vestidos, que recebiam relatórios e distribuíam instruções. Suas decisões eram imprevisíveis e as sequestradas e os guardiães, na mesma proporção, estavam à sua mercê. (MÁRQUEZ, 1996, p. 71)

Surpreende também a conduta aleatória de alguns dos guardiães. Enquanto alguns eram mais rígidos e violentos, outros pareciam excessivamente tranquilos e amigáveis. Por exemplo, os que sequestraram Pacho Santos, estavam com pressa para chegar ao cativeiro, não por medo da polícia, mas porque queriam assistir ao jogo de futebol entre Santafé e Caldas. Enquanto com Maruja, Beatriz e Marina, as vítimas não podiam emitir um som e eram submetidas a uma guarda rígida dos sequestradores, Pacho foi largado sozinho no quarto em sua primeira noite, com uma garrafa de aguardente e um rádio, que utilizou para acompanhar o jogo também. Alguns guardiães também jogavam cartas, pediam dinheiro emprestado e tiravam fotografias das vítimas.

Outra informação que impressiona durante o texto é perceber a quantidade absurda de dinheiro que o cartel de Escobar possuía naquele momento. Os guardiães diziam aos sequestrados que podiam conseguir quaisquer produtos que eles pedissem, o que era verdade, e garantiam que dinheiro não era problema. Além disso, havia uma quantidade enorme de casas que eles podiam utilizar como cativeiro. Isso fica evidente durante a narrativa, uma vez que em algumas situações os sequestrados tiveram de mudar de local por ameaça de serem descobertos. As casas variavam de tipo e estilo, sendo algumas delas grandes e confortáveis.

Por fim, um aspecto que também se destaca em relação aos narcotraficantes é o personagem Guido Parra, um dos principais advogados de Pablo Escobar. Parra é uma figura que poderia ser o estereótipo do advogado de um vilão, na maior parte do tempo parecendo enrolar os familiares das vítimas, utilizando a retórica a seu favor. Passando essa imagem de malandro e charlatão, Guido Parra lembra muito o personagem fictício das séries *Breaking Bad* e *Better Call Saul*, Saul Goodman, o advogado “moralmente flexível” que acaba por acobertar e proteger Heisenberg, personagem principal, que, com a ajuda de Saul, se torna um poderoso traficante de drogas. O advogado de Escobar, em determinado momento da narrativa, começa a se desesperar porque sente que será assassinado pelo próprio patrão. “O meu problema não é receber ou não receber, é diferente. Se a coisa não dá certo, me matam”, disse Parra a Villamizar em uma discussão

(MÁRQUEZ, 1996, p. 194). Pouco depois, o advogado sumiu e não se soube mais dele até ser encontrado morto com o seu filho, em 1993.

O livro também traz aspectos relacionados à política nacional da Colômbia. Em primeiro lugar, chama a atenção quanto os narcotraficantes conseguiram se infiltrar na alta política do país, entrando pelas portas dos fundos, como diz Márquez. Utilizando força e poder, os criminosos passaram a exigir direitos de seus próprios interesses, para realizarem suas atividades sem as consequências inconvenientes da lei. Isso explica a situação complicada em que ficaram os políticos da Colômbia, em especial o presidente, com a série de sequestros que ocorreram pelas mãos dos Extraditáveis. Os responsáveis da área política ficaram encurralados: ao mesmo tempo em que desejavam resgatar os sequestrados o quanto antes, não podiam simplesmente passar por cima da lei e entregar benefícios aos criminosos, validando assim suas ações violentas.

Ainda que a abordagem escolhida pelo autor seja de um texto com ritmo narrativo, ele faz questão de citar, em alguns momentos, de onde tirou as informações ali presentes, de forma a transmitir a veracidade jornalística dos fatos. Exemplos dessas fontes citadas são os relatos da própria pessoa que viveu a situação ou de alguém que estava lá presente, além de anotações dos personagens, como por exemplo, o diário que Diana Turbay manteve em cativeiro. Segue um exemplo do autor citando o diário de Turbay no meio narrativa, com ela descrevendo como se sentia após Azucena ser libertada e ela ser deixada sozinha com os sequestradores:

O tratamento dos vigias parecia bom, e ela reconhecia o esforço que faziam para agradá-la. “Não quero e nem é fácil descobrir o que sinto a cada minuto: a dor, a angústia e os dias de terror que passei”, escreveu em seu diário. De fato ela temia pela sua vida, sobretudo pelo medo inesgotável de um resgate armado. (MÁRQUEZ, 1996, p. 130)

É perceptível durante o texto que muitas das informações expostas foram obtidas, em sua maioria, por meio de relatos das pessoas que viveram aquilo. Percebe-se, inclusive, a diferença de como são narrados detalhes de um personagem que morreu e um que sobreviveu. Quando o autor fala sobre o cativeiro de Diana, utiliza um discurso mais indireto, no tempo verbal do passado ou com base em anotações ou comentários de outras pessoas que estiveram com ela. Demais detalhes, como pensamentos e sentimentos da personagem, o jornalista apenas supõe. “Não é possível saber — sem ter perguntado a ela (...)”, comenta ele em determinado momento (MÁRQUEZ, 1996, p. 85).

Já quando o escritor disserta sobre Maruja, por exemplo, fica evidente que ele está trazendo as informações diretamente dos relatos da própria personagem, se permitindo falar sobre as experiências da vítima sem a necessidade de frisar novamente que foi ela quem afirmou aquilo. Utiliza com frequência, portanto, frases em discurso direto como: “Maruja abriu os olhos e lembrou um velho ditado espanhol” ou “Maruja não precisava sufocar-se com o travesseiro para tossir, embora tomasse precauções mínimas para que não fosse ouvida lá fora”, dispensando o recurso de escrever “Maruja relatou que...” no início de cada frase (MÁRQUEZ, 1996, p. 50; p. 110).

Por outro lado, em algumas situações, o autor toma a liberdade de adicionar alguns detalhes ou pequenas suposições que agregam ao ritmo da narrativa, mas sobre as quais sabemos que nem ele, nem ninguém teria como ter certeza. No entanto, o que é colocado ali pelo escritor não deixa de ser verossímil. Todos os acontecimentos factuais são retirados de relatos de uma série de pessoas envolvidas no caso, pesquisas a legislações, notícias e dados anteriores, acesso a cartas e diários, entre outras coisas. Já detalhes mais subjetivos, sobre como os personagens se sentiam ou o que pensavam, podem ser mais abstratos em alguns momentos e servem mais para explorar o lado literário da narrativa do que informar, tornando-a menos sisuda e mais interessante para o público em geral. Exemplo disso é quando, ainda falando sobre a personalidade de Diana Turbay, García Márquez escreve:

Diana sofria isso com uma voracidade insaciável de saber tudo, de estar a par de tudo, de descobrir o porquê e o como das coisas e a razão de sua vida. (...) Ela deve ter sentido isso em carne viva quando foi secretária particular e braço direito de seu pai, aos vinte e oito anos, e esteve entre os ventos cruzados do poder. (...) A chegada tardia ao jornalismo — que por sorte é o poder sem trono — deve ter sido para ela um reencontro com o melhor de si mesma. (MÁRQUEZ, 1996, p. 85 - 86)

Fica claro, neste trecho, que o autor está apenas supondo como a personagem se sentiu em alguns momentos, sem poder ter certeza absoluta disso, utilizando frases como “deve ter sentido” ou “deve ter sido”.

O título do livro faz uma provocação em relação a um dos pontos chaves da narrativa: os jornalistas como um dos grupos mais afetados pela guerra do narcotráfico na Colômbia, sendo sequestrados e assassinados, o que, logicamente, prejudica de forma brutal a liberdade de imprensa. É evidente que quem dá uma notícia é um jornalista. O fato de o livro se chamar *Notícia de um sequestro* é, portanto, quase um deboche, considerando que boa parte da obra mostra jornalistas sofrendo abusos, muitas vezes por

emitirem informações ou opiniões que prejudicam os narcotraficantes, o que levou diversas vezes ao sequestro ou assassinato desses profissionais em uma tentativa de silenciamento. Um exemplo disso é o caso citado anteriormente de Guillermo Cano com seus “editoriais suicidas”. Ainda assim, os jornalistas resistem. A ponto de, tendo vivido tudo o que viveu, Maruja Pachón pensar consigo mesma em casa, após meses de cativeiro: “Tudo isso dava para escrever um livro” — e deu (MÁRQUEZ, 1996, p. 319). Isto é, mesmo com as tentativas sucessivas e violentas de silenciamento de críticas sobre o narcotráfico, Maruja insistiu em não se calar sobre o assunto, propondo a Gabriel García Márquez, outro jornalista, que escrevesse, literalmente, a notícia do sequestro, em forma de livro, como ele conta nos agradecimentos.

É possível relacionar o conteúdo do livro com a realidade social e política da América Latina em geral, incluindo o Brasil. Em 1990, como fica claro em *Notícia de um sequestro*, a Colômbia passava por um momento conturbado, marcado pelo narcotráfico e pela violência, o que desestabilizava as instituições democráticas. O Cartel de Medellín, comandado por Pablo Escobar, utilizava da força e do poder que obtiveram se infiltrando na alta política do país, conseguindo assim exercer influência e buscar direitos próprios dos narcotraficantes que contornassem a legislação.

O Brasil também já enfrentou e enfrenta, ainda hoje, problemáticas semelhantes. Na questão do narcotráfico mundial, apesar de o país não ser um grande produtor de drogas, o território brasileiro é uma rota de trânsito importante, principalmente de cocaína, vinda de países próximos. O país também sofre com o crime organizado, a exemplo do Primeiro Comando da Capital (PCC), que surgiu nos anos 1990, mesma época em que o Cartel de Medellín estava em atividade.

Embora tenha sido criado como uma forma de luta contra o sistema prisional e de defesa dos direitos dos detentos, por conta da violência e das condições precárias dentro das prisões, o PCC também se envolve com diversas ações criminosas como tráfico de drogas, roubo, extorsão, homicídio e lavagem de dinheiro. Com o tempo, o grupo se tornou uma das maiores organizações criminosas do Brasil, se expandindo para diversos estados do país e exercendo influência política e social, sendo capaz de controlar territórios e impor regras para protegerem os próprios interesses, da mesma forma que o Cartel de Medellín fazia na Colômbia. É evidente que organizações desse tipo desestabilizam a segurança pública do país e ameaçam o sistema democrático, levando a situações extremas como as que encontramos no livro-reportagem de García Márquez.

Diante do que foi exposto até aqui, só resta dizer que *Notícia de um sequestro* proporciona uma leitura muito positiva tanto para jornalistas e estudantes de jornalismo, quanto para o público em geral. O público em geral poderá apreciar a narrativa inigualável de Gabriel García Márquez, que acaba se mostrando ainda mais poderosa quando tem como objeto o relato de fatos reais. Além disso, os leitores podem também se informar sobre uma problemática contemporânea por meio de uma leitura intrigante e proveitosa.

Já para os jornalistas e estudantes da área, para além da sua qualidade narrativa e informativa, o livro é uma preciosidade para entender as possibilidades do jornalismo literário, como fazer um trabalho jornalístico de altíssima qualidade, muito bem apurado e, ao mesmo tempo, escrito de maneira delicada, cuidadosa, com o maior respeito a uma situação tão sensível, mas sem perder o apelo narrativo que humaniza ainda mais os personagens, o que contribui para sensibilizar o público para um problema social e político grave de interesse público.

## Referências

BREAKING bad. Criação de Vince Gilligan. Estados Unidos: AMC, 2008 - 2013. Série exibida pela Netflix.

BETTER call Saul. Criação de Vince Gilligan e Peter Gould. Estados Unidos: AMC/Netflix, 2015 - 2022. Série exibida pela Netflix.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Notícia de um sequestro*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *O amor nos tempos do cólera*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Relato de um naufrago*. Rio de Janeiro: Record, 1970.

O que é o PCC?. UOL. São Paulo, 4 mar. 2020. Uol Explica. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/04/o-que-e-o-pcc.htm>.

PRESSE, France. Governo da Colômbia reforça ofensiva contra grupo de traficantes após dias de violência. G1. 8 mai. 2022. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/05/08/governo-da-colombia-reforca-ofensiva-contr-grupo-de-trafficantes-apos-dias-de-violencia.ghtml>.